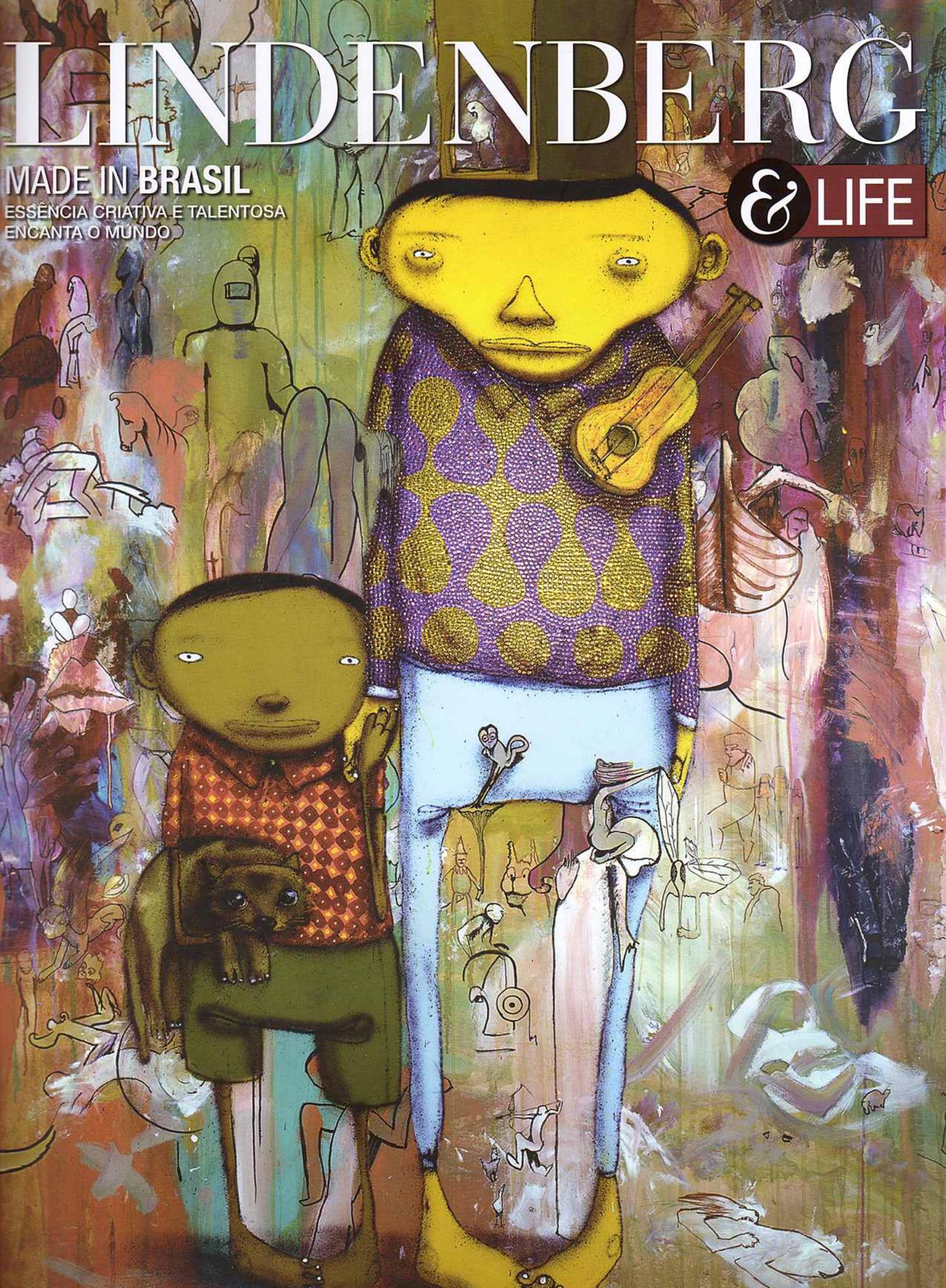


LINDENBERG

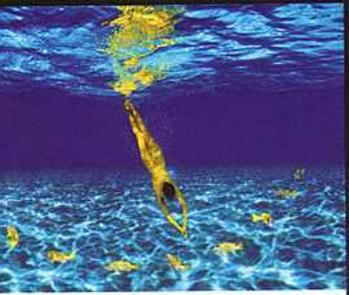
MADE IN BRASIL

ESSÊNCIA CRIATIVA E TALENTOSA
ENCANTA O MUNDO

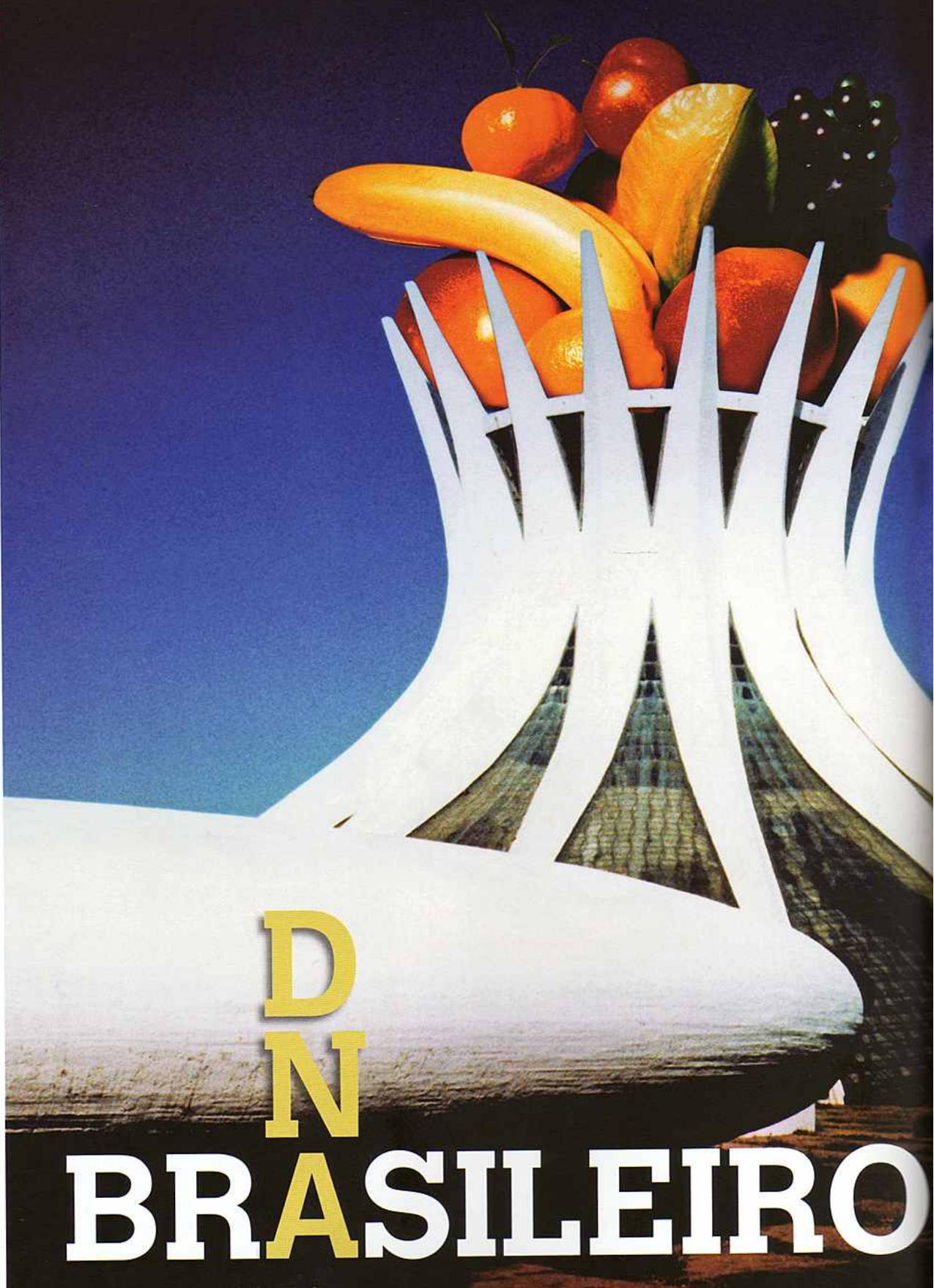
& LIFE



Por Perla Rossetti
Colaboração: Renata Vieira
Fotos: divulgação



Timeless II e Fruteira Brasília, em imagens de Klaus Miteidorf



Da música ao design, tempero tropical, garra e genética criativa fazem artistas do Brasil alcançarem sucesso mundo afora

D N BRASILEIRO

“Se você tem algum talento, tem de arriscar! Como brasileiro, nascido numa outra realidade cultural, você sempre vai ter algo a acrescentar na música estrangeira que foge ao que eles conhecem, que enriquece a arte. Não esqueça as raízes, não perca a identidade por modismos e não se intimide, caso tenha estudado pouco. Músico não é só aquele que toca lendo partitura”.

*Naná Vasconcelos,
músico*

cantores e músicos como Naná Vasconcelos, Cibelle, Eliane Elias, Aíto Moreira, nomes que, na opinião do crítico, representam a verdadeira música popular brasileira. “Não aquela que tem o som de outro país e cantada eventualmente em português, pois não é verdade que só quem ganha prêmios das gravadoras faz sucesso. Há casos reais, mas outros são jogos de marketing”.

E Zúza ressalta outros expoentes, como João Bosco, que em novembro leva a bandeira brasileira à Casa do Porto, em Portugal, para uma programação musical de primeira linha. “Será, com certeza, um espetáculo imperdível. Podemos afirmar isso por seu passado e porque ele lançou provavelmente o melhor disco dos últimos tempos no Brasil. Agora, se você ligar o rádio, não ouvirá o nome dele”.

Porém, é o trabalho denso, com substância e conteúdo, nas palavras do crítico, que evidencia o DNA brasileiro, mesmo de quem não tem projeção nos meios comerciais. “A música de Ivan Lins, Chico Pinheiro e Iamandu Costa vem das raízes, dos ritmos africanos que chegaram ao Brasil na época imperial, como o choro, e foi desenvolvendo-se até

criar uma história da MPB, com nomes representativos que culminaram nos de Tom Jobim e Chico Buarque. Admirados por terem o som do Brasil. Eles têm aquilo que faz com que, você estando fora daqui, identifique a música com a da sua terra”.

FÓRMULA

A receita do sucesso varia de pessoa para pessoa. Para o músico Naná Vasconcelos, é a velha história do estar no lugar certo, na hora certa. “Saí da minha terra natal, o Recife, e fui para o Rio, tocar com nomes de peso como Milton Nascimento e Gal Costa. Nos anos 70, o saxofonista argentino Gato Barbieri me chamou para integrar seu grupo. Nisso, conheci a Argentina e saiu o contrato para o primeiro disco de Barbieri em Nova York”. Foi quando ele entrou para a seleta panelinha do jazz, com som novo que botava a plateia abaixo durante seus solos de berimbau. Daí para Nova York foi um pulo. Morando com Glauber Rocha, ícone do Cinema Novo, Naná ficou rodeado pela nata cultural da época, ganhando respeito do público e da crítica internacional.

Já o fotógrafo de moda Klaus Mitteldorf diz que ganhar espaço no exterior foi um processo automático. “Sempre procurei ser criativo e vanguardista, e o interesse das agências e revistas pelo meu trabalho foi gradativamente crescendo desde 1982”.

Seis anos depois, ele foi convidado por um editor suíço para publicar o primeiro livro, o *Norami*, vendido em todo o mundo. Além disso, morou quase 10 anos em Munique, na Alemanha, Paris, Nova York e acabou entrando de cabeça nos mercados europeu e americano, o que possibilitou o segundo livro.

O designer Rico Lins conta que o êxito é fruto de uma trajetória de esforços. “Fui para a França com 23 anos e comecei a trabalhar para jornais

